

DAS ASSOCIAÇÕES MORFOSSEMÂNTICAS ENTRE SEMANTEMAS

Paulo Mosânio Teixeira Duarte

O objetivo do presente trabalho é fazer uma pequena incursão no estudo das relações morfossemânticas entre semantemas. Consideramos apenas os casos que envolvem semantemas de vocábulos simples e os de semantemas na composição prefixo-radical, o que alguns autores incluem no processo derivacional. Tomamos por base a perspectiva meramente sincrônica. Entretanto, não deixamos de fazer as necessárias ressalvas ao escopo desta perspectiva.

Nossa intenção é mostrar que o semantema, como unidade lingüística, não pode ser interpretado como um ente inerte, dentro de um enfoque intelectualista. Ele comporta conotações, constelação de significados virtualmente associados, os virtuematas, que se atualizam em determinados contextos e com o auxílio dos morfemas periféricos, vogal temática e afixos.

Fizemos uma especial ressalva ao conglomerado prefixo-semantema, mostrando que ora o semantema e o elemento prefixal são morfossemânticamente motivados, ora apenas o prefixo comporta motivação de cunho morfossemântico no estágio atual da língua, ora, a associação se dá por mero comportamento gramatical externo. Segue-se daí que prefixo e semantema se reduzem a meras seqüências fônicas de contornos semânticos vagos e imprecisos. Isoladamente nenhum elemento vale por si só. O sintagma lexical vale como um todo e o que podemos dizer é que a diferença se dá como simples constatação das comutações no eixo paradigmático. Os elementos prefixais *a-* e *i-* e o semantemático *lud* nada dizem iso-

lados: *aludir* e *iludir*, juntos significam distintamente. Quer dizer: a diferença reside na anexação de *a-* ou *i-* à base virtual — *ludir*.

Quem leu nosso trabalho na *Revista de Letras* n.º 7 de nome "Problemas de Análise Mórfica" verá algumas semelhanças na inspiração original. Em parte, quisemos dar um aspecto mais sistemático a idéias naquele primeiro trabalho que, por razões que não nos cabe dizer, pareceu-nos um tanto centopésico.

Se parecemos metafísicos em algumas tomadas de posição e por algumas reflexões, fica por conta da sedução do tema.

DOS SEMANTEMAS

"Relações entre os semantemas de vocábulos simples"

As associações morfossemânticas intersemantemáticas de vocábulos simples podem acontecer com menor ou maior complexidade, melhor dizendo, podem manifestar-se com variados graus de transparência. É evidente que existem séries em que os contornos semânticos dos elementos semantemáticos não apresentam irregularidades notáveis, como por exemplo: *livraria* — *livreiro* — *livresco*, *criação* — *criativo* — *criador*, *valor* — *valer*. Detectamos com relativa facilidade as formas *livr* — *cri* e *val* — como os radicais primários de cada uma das séries.

É claro, no entanto, que a regularidade dificilmente é total. Assim verificamos que em certas situações de uso, *criativo* dispensa qualquer modificador (v.g. *muito criativo* ou *pouco criativo*) porque, na verdade, ele incorpora apenas o significado do modificador que implica valoração positiva. Quer dizer: *cri* —, expandido pelo sufixo *tiv(o)* não significa exatamente *tendência a criar*, mas sim *tendência a criar bem*. Esta valoração positiva também se encontra no vocábulo *valor*: quando dizemos *ele tem valor*, significamos *ele tem grande valor*. Aliás, esta positivação é muito comum. Exemplifiquemos:

a) O artista é um criador (quer dizer: *criador de boas coisas*).

b) Ele tem *discernimento* (quer dizer: *bom discernimento*).

Não podemos também esquecer que os semantemas requerem o auxílio dos elementos periféricos para se adequarem a contextos múltiplos. Exemplifiquemos:

- a) diremos *jóias valiosas* não *jóias válidas*~
- b) diremos *caráter ferrenho* não *caráter ferroso* `

As vezes, o vocábulo adquire especializações, de modo a adquirir valoração negativa, que é o resultado de certas projeções e interpretações culturais. Damos como exemplo as séries:

- a) visão — visionário
- b) tratar — tratante

Visionário é o que *tem apenas certo tipo de visão*, que o torna quixotesco e ridículo. *Tratante* é o que *faz maus tratos*, o que *não cumpre tratos*.

Creemos que não basta dizer que o elemento semantémico é o portador do significado básico, sujeito a uma série de comutações ilimitadas. Creemos que não basta dizer que, enquanto morfema nuclear, caracteriza-se por ser irredutível e comum a uma família de cognatos. Ninguém domina o léxico de uma língua apenas com regras gramaticais e combinações puramente mecânicas dos elementos do repertório lingüístico, como se estes elementos trouxessem significados pré-determinados e atualizáveis a partir de um número considerável de combinações no eixo sintagmático.

É importante assinalarmos duas características que Saussure aponta para o semantema: a generalidade e a abstração máximas. A diminuição destes dois aspectos vai depender dos atualizadores lexicais, que são as vogais temáticas, das desinências, dos sufixos leicais e dos prefixos. Semanticamente, os contornos de *dur* são vagos e virtuais: evocam-nos um feixe de relações de significados. Pode assumir, neste significado, implicações mais concretas (v.g. *diamante duro*) ou mais abstratas (v.g. *gestos duros*, *sentimentos duros*). As vezes, há restrição contextual, que dependerão dos elementos periféricos. Quer dizer: associamos o semantema e seus elementos afixais a contextos bem particulares. Exemplificando: *justeza* não é o mesmo que *justiça*, *valioso* não é o mesmo que *válido*. Entretanto, há nexos semânticos comuns. Os semas virtuais de *ferr* ou seus virtuememas atualizam-se em *ferro*, *férreo*, *ferrenho* e *ferroso*. Apesar da evidente sobreposição e interpretação do concreto e do abstrato, não deixa, contudo, de nos maravilhar as delicadas e complexíssimas associações operadas nos labirintos mais profundos do homem, que os metafísicos resumem com o nome de mente. Podemos até ignorar o que se passa nestes labirintos, a famosa caixa escura dos

psicólogos behavioristas, mas não nos contentamos com o puro e simples negar do processo ou da simplificação por fórmulas mecanicistas e associacionistas.

Muito da interpretação sobre um semantema, de certo modo, neste semantema quando, expandido por afixos. *Visão*, num de seus significados evoca fantasia, imagem inconsistente. *Visionário* se referirá a quem cultiva devaneios. Podem haver visionários religiosos e visionários políticos. Esta palavra, carregada de avaliações depreciativas, associa-se com idealismo quixotesco. *Visões* são tidas como fatos subjetivos e abstratos e são depreciadas numa sociedade que valoriza o objeto e o prático e relaciona-se com embuste e farsas. *Visio-nário* vai ser, portanto, um vocábulo de significado estigmatizado.

Semantema, é, pois, um vocábulo técnico que designa uma realidade nada inerte. Como acontece com o signo lingüístico (ele é um signo mínimo) não é uma mera associação biunívoca entre uma seqüência fônica e um significado, mas envolve delicados complexos funcionais, compreende associações virtuais, decorrentes da nossa experiência. Não é possível utilizá-lo nem a qualquer elemento da língua sem experiência, sem imersão na substância do conteúdo, responsável pelos delicados matizes que uma forma pode adquirir, compreensíveis quando surgem, mas imprevisíveis. Somente o uso nos dará a competência para nos assenhorearmos das formas na comunicação. Tudo parece contudo amplo e movediço quando nos reportamos às formas da língua tentando estruturar-lhes conteúdo.

Não basta dizer que *loja* e *alojar*, *energia* e *enérgico* são cognatas. Há, sem dúvida, uma projeção semântica do semantema do nome sobre o do verbo e do semantema do nome substantivo sobre o nome adjetivo. O semantema, repetimos, deve ser compreendido dentro de uma perspectiva dinâmica.

Destaquemos, todavia, que estas aproximações entre formal podem manifestar-se mais a nível de seqüência fônica do que a nível de significado. Explicando-nos melhor: não acreditamos que passa haver entre *amigo* e *amor* uma óbvia aproximação semântica. Sincronicamente seria necessário uma ginástica mental para estabelecermos elos significacionais entre aqueles vocábulos. Assim, temos dois semantemas distintos: *amig* — e *am-*, o que evita estarmos lidando com um sufixo improdutivo *lg-* do primeiro vocábulo.

Mesmo havendo alomorfia entre semantemas, é possível nos valeremos de relações proporcionais. Exemplificamos:

Lua : lunar : : sol : solar
Leão : leonino : : elefante : elefantino
Lei : legal : : dente : dental
Ouro : áureo : : mármore : marmóreo

E isto nos permite detectar na primeira coluna os seguintes alomorfes: (Lu - lun), (leã - leon), (le - lege), (our - aur).

É preciso existir a motivação semântica a fim de que as relações proporcionais não se tornem mecânicas. Assim *leal*, para nós, é palavra simples, porque não enxergamos relação alguma com *lei* ou *legal*, a não ser o plano fônico e parcialmente.

Há casos em que ocorre não exatamente uma alomorfia, mas uma supleção mórfica. Muito embora haja quem insira este fenômeno gramatical naquele, convém distinguirmos mudanças drásticas de radical. Mesmo assim, podemos valer-nos de relações proporcionais:

bronze : êneo : : mármore : marmóreo
prata : argênteo : : mármore : marmóreo
raposa : vulpino : : elefante : elefantino
menino : pueril : : febre : febril

Tomamos como parâmetro a coluna em que ocorre de fato alomorfia. Em cada elemento da primeira coluna, consideramos *bronz-* e *ên-*, *prat-* e *argênt*, *rapos-* e *vulp-*, *menin-* e *puer-* como radicais completamente diversos. Consideramos esta diversidade mesmo em palavras diacronicamente afins. Por exemplo; *rainh* de *rainha* e *re* de *rei* parecem-nos sincronicamente dois semantemas distintos, apesar de presos ao semantema latino *reg*, onde a relação entre as formas era mais nítida: *rex* (= *recs* e a consoante surda /k/ resulta da assimilação de /g/ à surda final /s/ como acontece com /b/ ao se tornar /p/ em urbs) se opõe a *regina*, isto é: (Reg - rec). O feminino é expresso derivacionalmente a nível diacrônico, como se depreende facilmente.

Poderíamos pensar na seguinte relação proporcional: rei : rainha : : galo : galinha.

Acreditamos, contudo, que a transparência se dê mais nitidamente nos elementos do segundo membro. Ao feminino se acresce a marca derivacional diminutiva, que marca subsidiariamente aquela forma de feminino. Pode ser, entretanto, que haja a seguinte interpretação: *ra-* seria alomorfe de *re* e *inh*, o sufixo derivacional e *a*, a desinência de gênero.

Voltemos, porém, ao caso daqueles adjetivos relacionados com substantivos, onde se configura a alomorfia ou a supleção. Convém destacarmos que a maior parte deles requer cautela no uso. Não diremos, por exemplo, *mina áurea** mas *mina de ouro* nem seria normal dizermos *sino êneo** ao invés de *sino de bronze*.

Aliás, há quem doutrine, no que concerne à questão do adjunto adnominal, que este é reconhecível porque corresponderia a um adjetivo simples. Ora, acontece que, havendo alomorfia ou supleção na formação do adjetivo, é lícito salientarmos o seguinte:

a) a substituição resulta, às vezes, artificial, porque exigimos do aluno conhecimento de um elenco de radicais alomórficos ou supletivos. Ex: vôo de pássaro = vôo volucrino.

catedral de marfim = catedral ebúrnea

Damos, no final das contas, o dito pelo não dito. E se o aluno não souber o adjetivo correspondente, pior para ele!

Outras diferenças hão de ser assinaladas: a questão relativa à norma, os registros e conotações: os adjetivos eruditos tendem a especializar-se literariamente e seu âmbito semântico tende a adquirir matizes peculiares. Não vamos nos debruçar nestas questões, que seriam objeto de outro trabalho.

O certo é que não basta a proximidade a nível puramente fônico. Os vocábulos *amigo* e *amor*, a nosso ver não são morfológicamente transparentes. Do mesmo modo não o são *estúpido* e *estupendo*, *imundo* e *mundo*, *sofisticado* e *sofista*.

Recapitulemos:

a) As associações podem acontecer, a nível morfossemântico sem grandes complicações, sem alomorfia, mas com eventuais especializações semânticas ou rede de nexos semânticos:

barbearia — barbeador	luz — lúcido — elucidar
tratar — tratante	loja — alojjar
visão — visionário	energia — energético — enérgico

b) As associações podem ocorrer a nível morfossemântico mas, freqüentemente, com alomorfia e com possível instauração de nexos semânticos. Recorremos à técnica analógica.

árvore : arbóreo : : mármore : marmóreo

touro : taurino : : elefante : elefantino

ouro : áurei : : mármore : marmóreo

c) às vezes instaura-se a supleção mórfica, fenômeno que os autores não conseguem distinguir aí menos razoavelmente da alomorfia:

prata : argênteo :: ferro : férreo
rato : murino :: elefante : elefantino

As vezes, convém preencher a relação por pares, porque não seria possível efetuar a proporção:

ex.: tórrido/torrar, onde depreendemos o semantema *torr-*.
O sufixo — Ido aparecerá contudo em vocábulos que constam em relações proporcionais.

horror : hórrido :: palor : pálido
rigor : rígido :: calor : cálido

Repetimos: às vezes temos de nos contentar com uma simples razão, por causa da pouca produtividade de um dos elementos sufixais:

Ex.: pudor/pudico, onde depreendemos o semantema *pu-*

Ocorre também que é possível não haver mais transparência na relação semântica entre os semantemas, mesmo assim, por outras vias, podemos depreender em separado o morfema nuclear de cada vocábulo. *Estupendo* pode manter remotas associações com *estúpido* e *tremendo* com *tremor*, mas podemos associar *tremendo* e *estupendo*, não apenas por causa da relação rímica, mas também por causa do papel semântico que ambos têm como intensificadores. O sufixo improdutivo — *endo* ressurge em *herrendo*, que se associa mais limpidamente com *horror*. Aliás, as muitas tentativas de detectar semantemas são efetuadas por via indireta. O semantema de *imundo* é *mund* não porque possamos depreender algum tipo de nexos semântico entre aquele adjetivo e o substantivo *mun-**do*. Ao lermos certa vez um livro sobre curas naturais, encontramos a palavra *mundificação* que significa *tornar limpo*. Foi-nos fácil constatar que *imundo* equivale a *não limpo* e *i* é um prefixo negativo.

Análise mórfica não é tarefa fácil porque nos parece indissolúvelmente ligada à vivência do falante com as formas da língua. Quanto mais aumenta seu repertório vocabular, mais o falante há de deparar-se com surpresas e descobrirá que formas indivisíveis deixarão de sê-lo à medida que amplia o universo de configuração paradigmática. As formas descrevem

no espírito do falante correlações nem sempre diretas, mas sinuosas e tortuosas, contudo válidas na descrição lingüística. "Spragefühl" ou "sentimento lingüístico" são termos que designam realidades subjetivas, variáveis e fluidas. Envolve vivência, experiência, imersão na língua multiforme e variamente. Correlações que um espírito percebe passarão despercebidas ao espírito de outrem. A língua, como objeto reducionista estudado, é certamente um mecanismo de peças solidárias, no qual o valor se estabelece no complexo jogo das relações, mas para nós, a extensão com que deslinhamos o feixo de relações, depende do modo como estruturamos nossas experiências e como mergulhamos na substância de seus conteúdos.

Algumas associações morfossemânticas se são apenas parcialmente entre semantemas, restando elementos improdutivos. Por exemplo: em *laticínio*, de imediato efetuamos a associação do primeiro elemento *Lat* — com o radical do adjetivo *láceteo*, *lact*, alomorfe de *leit* —. Resta *cínio*, que, ao menos no que diz respeito à seqüência fônica, ressurgiu em *morticínio* e em *vaticínio*. Depreendemos os semantemas *mort* — e *vat* e, residualmente *cínio*. Mas que significado terá?

Do mesmo modo, *choramingar* associa-se morfossemânticamente ao semantema de *chorar* e, através desta associação parcial, obtemos *mingar* de *mingar*, outro elemento improdutivo.

É muito comum o encontrarmos estas perguntas à nossa frente quando nos limitamos a uma análise sincrônica estrita, provas contundentes de que o novo não se instaura com a eliminação pura e simples do velho, como se os fatos históricos fossem, mesmo que, por força de um método descritivo, estanques e punctuais e não se comportassem mais à semelhança de ondas que por muito tempo lembram pertinazmente as ondas precedentes e até o ponto de origem da perturbação.

Alguém poderia nos lembrar que estamos, deste modo, procedendo metalingüisticamente. O "hic et nunc" da compreensão estrutural leva-nos, no entanto, com bastante freqüência, à depreensão de formas com bases e dados irrefutáveis de análise, por meio das averiguações de diferenças e identidades. Uma ironia, porém: formas, mas com significados?

Semantemas agregados a prefixos

Neste caso, convém salientarmos alguns aspectos que tornam a análise um processo que varia em complexidade. Os prefixos em língua portuguesa são unidades formais de cunho e implicações eminentemente semânticas e nisto diferem dos

prefixos existentes em outras línguas que deles se valem para fins gramaticais, como o alemão, o russo e o latim. Não vamos deter-nos neste ponto, que nos levaria a digressões. Convém, entretanto, assinalarmos que, no que muitos autores preferem reconhecer um tipo de composição, a prefixo-radical, dadas as singularidades dos elementos prefixais, os prefixos são freqüentemente mais esclarecedoras do ponto de vista semântico. Assinalaremos os seguintes casos:

a) a anexação do prefixo se faz a um semantema sem alomorfia deste:

- infeliz = não feliz opor = por diante de
- exterminar = terminar completamente — transportar = levar de um lado a outro
- prometer = colocar na frente reler = ler de novo

Não podemos negligenciar o papel das associações semânticas: *pôr diante de* associa-se com *pôr obstáculos* que é *opor*; o *colocar na frente* referente a *prometer* não tem significado "concreto" mas psicológico.

As vezes, as mudanças nos semantemas se dão profundamente:

— *destemido* = é o que não teme e não é o que não é temido (o semantema ganha sentido ativo).

b) à anexação do prefixo corresponderão alomorfias semantemáticas:

- imberbe = sem barba
- difícil = não fácil
- inimigo = não amigo

Acontecem casos em que muitos falantes poderiam considerar o vocábulo como simples; insulso = não salgado ou não *salso* (vocábulo de sabor arcaico) que corresponde ao popular *insosso*.

Outras vezes, a apreensão do prefixo só é possível diacronicamente, o semantema engloba quase toda a extensão fonológica vocabular:

- inerme = in + arme = sem armas, fraco
- inerte = in + arte = sem arte, sem ação

c) outras vezes, a depreensão dos semantemas é possível mediante oposições mórficas e estes semantemas que não podem corresponder a significados sincronicamente distinguíveis. Contudo, os prefixos são motivados semanticamente:

- reduzir : re — movimento para trás, por extensão de sentido, diminuir.
- deduzir : de — movimento de afastamento e *deduzir* é partir de princípios gerais para os particulares.

Acrescemos ainda a motivação decorrente do paradigma derivacional:

- reduzir : redução : redutível
- deduzir : dedução : dedutível

Outros exemplos:

- excluir : incluir
- exclusão : inclusão
- aludir : iludir
- alusão : ilusão

Nestes dois últimos casos, contudo a motivação se dá mais a nível de seqüência fônica, já que os semantemas *lud-* e *lus*, e os prefixos *a-* e *i* carecem de algum contorno semântico no estágio atual da língua.

Apresentamos outros exemplos com prefixos semanticamente motivados:

interferir interceder
referir introduzir

A existência de alomorfia no semantema corrobora as associações:

interceder — intercessão introduzir — introdução
conceder — concessão reduzir — redução.

d) Outras vezes o semantema é obtido indiretamente. Por exemplo: em *impune*, *inglório*, *insônia*, os semantemas são *pun* — *glóri* e *son* porque existem as formas *punir*, *glória* e *sono* e os prefixos são semanticamente motivados.

Outro exemplo:

em *Imbele* o radical é *bel*, porque o associamos com *bélico*.

São casos que envolvem naturalmente nomes eruditos e se prestam mais ao registro literário. No último exemplo, a apreensão do semantema acarretaria alguma dificuldade.

A perspectiva adotada por nós em qualquer um dos casos é sincrônica. Adstritos a este modo de ver, não consideremos como vocábulos aproximados *inocente* e *nocivo* por exemplo.

Nos termos oriundos da ciência, em que não raramente se valem de elementos gregos podemos estabelecer oposições. Exemplo:

desorexia — anorexia eupepsia : dispepsia
 eulalia — dislalia eucrasia : discrasia
 alfonla — afonia — disfonia — eufonia.

Sincronicamente, preferimos considerar como palavras simples vocábulos como *evangelho*, *profano*, *carisma* e outras para quais não seja possível estabelecer sólidas oposições na língua. As gramáticas, contudo, costumam fazê-los constar entre as formas de radicais e prefixos gregos.

CONCLUSÃO

Os semantemas também podem se associar em relações proporcionais onde faltam elementos que preencham uma série:

arder : ardente : ardência
 X : latente : latência
 Y : clemente : clemência
 Z : freqüente : freqüência

Os semantemas da 2.^a, 3.^a e 4.^a linhas seriam *lat-clem* e *freqü*. Este último elemento, aliás, mesmo em latim nunca teve o item verbal correlato.

Como já ressaltamos em nosso trabalho "Problemas de Análise Mórfica", podemos nos deparar na detecção dos semantemas pouco produtivos e sufixos lexicais sem valor semântico definido.

permanecer : permanente
 carecer : carente

Os semantemas são *perman-* e *car-*. Residualmente há o sufixo *ecer* que não tem o valor incoativo de *anoitecer* e *entardecer*.

As relações contudo não se dão apenas a nível de um semantema, quer dizer, somente com relação a vocábulos simples ou compostos prefixo — semantematicamente. Podem ocorrer entre os vocábulos de compostos de mais de um semantema, tema de outro trabalho nosso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. 2. ed., São Paulo, Cultura s.d.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *Português Estrutural*. 2. ed., São Paulo, Proena, 1978.
- MONTEIRO, José Lemos. *Linguística e Comunicação*. 2. ed., São Paulo, Cultura, s.d.
- SAUSURRE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*, São Paulo, Cultrix, 1970.